

## RESENHA

CARSON, Anne. **Eros, o doce-amargo**. Trad. Julia Raiz. São Paulo: Bazar do tempo, 2022.

Ulisses Alberto Pereira<sup>1</sup>

Ao tentar delimitar Eros na consciência dos gregos antigos, Anne Carson se apoia em Safo – sendo está a primeira a apresentar a divindade como uma potência doce-amarga – ao reproduzir as agruras possíveis de sentir quando tocadas por Eros: a mistura entre o doce e o amargo, o prazer e a dor etc. Por mais que possa parecer uma espécie de paradoxo apresentado pela poesia grega, é inegável a força da imagem caracterizada por essas duas palavras que, segundo Carson, divide a mente em dois.

De um lado temos o claro instante doce indicado pelo desejo de um sujeito por outro – que aqui colocaremos como objeto. O amargo entra como a distância de uma possível concretização desse desejo do sujeito pelo objeto. Embora o doce seja apresentado primeiro, o amargo ecoa sem que possamos realmente compreendê-lo no início - o que ocorre no decorrer do desejo desse sujeito que assume o amargo a partir de sua não consumação. Pois Eros é alheio ao sujeito, ele está do lado de fora impondo sua vontade.

Eros, aqui, não é apenas concebido como esse instante do desejo que divide a mente, ele também é um paradoxo, uma força ambivalente que perturba de forma quase brutal, ele é amigo-inimigo, amante-odiador. A entidade apresentada mostra que a experiência erótica cria uma espécie de contradição emocional enquanto entrelaça os sentidos e os seus fios condutores. Eros rompe o contorno estabelecido na mente partida do sujeito a partir do desejo

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do ABC – UFABC. Bacharel em Filosofia pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação – FAPCOM – SP. E-mails: [aulisses@gmail.com](mailto:aulisses@gmail.com) / [ulisses.alberto@ufabc.edu.br](mailto:ulisses.alberto@ufabc.edu.br)

erótico que evoca. Eros traz em sua raiz etimológica a falta: o sujeito deseja aquilo que não possui, aquilo que está ausente. Eros é sempre aquilo que escapa “entorno de uma ausência radiante” (Carson, 39). A divindade é a responsável por construir fronteiras entre o sujeito e o objeto, e é neste espaço entre fronteiras que o desejo se enraíza. Estas demarcações alongam-se pelo mundo e o circundam, criando entre o sujeito e o objeto as fronteiras do corpo feitas de carne, que prendem o sujeito desejante em uma individualidade e não o deixa dissolver a distância entre o objeto desejado.

Os limites do sujeito são experienciados através de Eros. Ao experimentar o movimento erótico, o sujeito percebe as fronteiras e os limites de si mesmo e do outro. O desejo instigado por Eros, por sua vez, encaminha o sujeito a pôr à prova os interditos do próprio corpo em direção as fronteiras do objeto desejado. Este objeto desejado em coação ao sujeito desejante transpõem, de forma violenta, os dois limites representados:

Quando eu desejo você, uma parte de mim vai embora: A falta que eu sinto de você faz parte de mim. Assim pensa, quem ama quando está à beira do Eros. A presença do querer despertar em quem ama nostalgia da totalidade. Seus pensamentos se voltam para questões de identidade pessoal: é preciso recuperar e incorporar o que está faltando se quiser ser uma pessoa completa. (Carson, 56)

Essa nostalgia da totalidade representada pela falta que acomete o sujeito lembra o mito apresentado por Aristófanes n’*O banquete*, de Platão. Na parte que lhe cabe no diálogo platônico, o dramaturgo grego nos apresenta uma antropologia mítica para dar conta de explicar o que é Eros. Nessa narrativa, os humanos são apresentados como seres dotados de dupla identidade unidos em único corpo. Este corpo tem a forma esférica, com dois rostos, quatro pernas e quatro braços. Um único ser, feminino e masculino, encerrado em sua própria totalidade. Embora completos, desejavam mais. O destino foi selado após tentarem escalar o Olimpo e desafiar os deuses. Como punição, foram cortados ao meio. Separados. E assim, “desde que a nossa natureza se mutilou em duas, ansiava cada um por sua própria metade e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro no ardor de se confundirem” (Platão, *O banquete*, 191a).

Eros é a falta que é inserida no núcleo das fronteiras do corpo do sujeito desejante. O desejo consome na vontade de unir-se a parte que falta, é a mutilação sofrida que sente necessidade de ser reconstituída. O desejo erótico redireciona as fronteiras em um furor de continuidade, de busca pela totalidade, na fusão do sujeito desejante e do objeto desejado. Eros derrete as individualidades. Nessa fusão não há mais sujeito, nem objeto, apenas totalidade, de “um eu que ele [sujeito] nunca tinha conhecido antes” (Carson, p. 65).

Somente o desejo de totalidade pode ser considerado o combustível da fusão. A continuidade não pode se concretizar de forma estável e duradoura, visto que a dissolução das individualidades não pode ser realizada de forma plena através da união dos corpos. O gozo é rápido. O sujeito que experimenta o derretimento erótico de seus limites em busca de completude, aprende a sentir os próprios contornos e essa entidade limitada que é ele mesmo. Carson no apresenta Eros como algo doce-amargo por diversas razões: o prazer decorrente do desejo do sujeito ao buscar pelo objeto desejado, a falta que não sabia possuir em si, a concretização (momentânea) de agarrar este objeto, a subsequente fusão entre ambos e a sua abrupta separação. Eros é a fâsca que promove a laceração do sujeito em dois, e o faz buscar essa parte que falta. Eros é movimento.

### Referências

- CARSON, Anne. **Eros, o doce-amargo**. Trad. Julia Raiz. São Paulo: Bazar do tempo, 2022.
- PLATÃO. **O banquete**. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora Abril, 1972. Coleção Os Pensadores.

Data de submissão: 27/03/2023

Data de aprovação: 30/05/2023